

GUARÁ

"Não há vagas". O cartaz afixado no portão de entrada é contundente e desanimador, mas não para os pais que ainda buscam matricular os filhos nas melhores escolas da cidade. O estigma de ensino público deficiente é coisa do passado

Igor Germano
Da equipe do **Correio**

Fotos: Ronaldo de Oliveira

Primeiro a qualidade, depois a matrícula. Os diretores das escolas do Guará tiveram de se virar para atender à procura por vagas no primeiro dia de aula. Pela manhã, muitas pessoas ainda tinham a esperança de conseguir a matrícula. Grande parte dos novos alunos veio de escolas particulares. Os pais, exigentes, escolheram as melhores escolas, preocupados com a qualidade do ensino.

"Este ano, a procura de alunos que migraram das escolas particulares foi enorme", disse o diretor do "GG" — Centro de Ensino Nº2 do Guará —, Tarcísio Araújo. No GG, há 1,8 mil alunos de 1º e 2º graus matriculados para os três turnos.

Do lado de fora da sala, pais e parentes de alunos esperavam para conversar com o diretor — a última esperança para conseguir uma vaga. "Não temos mais vagas, favor não insistir", alertava o cartaz preso com durex no mural da entrada do colégio. A perspectiva não parecia ser muito animadora para os que esperavam.

Nervoso, o funcionário público Geraldo Clementino queria matricular a filha, que até 1996 estudava numa escola particular. "Em dois anos, as mensalidades aumentaram mais de 100%", disse Clementino, apontando o polegar para cima. "E o meu salário continuou congelado". A bronca não era contra o colégio; era contra a falta de vagas.

ESPERANÇA

Também na fila, a estudante de geografia Mônica Neiva buscava uma vaga para a irmã. "Estudei neste colégio e passei no vestibular na primeira tentativa", disse Mônica. "As pessoas vêm aqui em busca de qualidade, que não existe



Diogo, 6 anos, "convence" a tia, Lúcia Correia a voltar para casa logo no primeiro dia

em todas as escolas públicas". A bancária Arlita Martins, há dois meses batalhando uma vaga para o filho na 5ª série, ainda tinha esperanças. "Em dezembro, dormi na fila e consegui ficar em 3º lugar, mas só abriram uma vaga", disse Arlita. "Agora, só saio daqui com meu filho matriculado".

Na Escola Classe Nº 5, que

mantém 610 alunos matriculados em dois turnos, a situação era semelhante. Em uma sala de 25 alunos da 1ª série, 18 vieram de escolas particulares. A diretora da escola, Leila Pacheco, considerou "assustador" o número de crianças provenientes de escolas particulares. "Nós fomos obrigados a encaminhar muitos alunos para

outras escolas", afirmou Leila.

Feliz da vida com a nova escola, a estudante Fernanda Juma, de seis anos, conheceu os novos colegas e conversou bastante enquanto desenhava com os lápis de cor. Fernanda veio de uma escola particular, mas não parecia incomodada com a mudança. "Aqui é muito melhor", disse Mariana, mordendo a ponta do lápis. "O parque tem mais brinquedos e a professora é mais calma, mais legal e mais bonita."

Na porta da escola, Diogo Correia, de seis anos, que também estudou em escola particular, recusava-se a permanecer no colégio. Na pauta de reivindicações do pequeno Diogo, dois pontos inegociáveis: a abertura permanente das portas da escola e a transferência imediata de sua casa para a sala de aula. Dadas as dificuldades para atender a tantas exigências, a diretora deixou a tia, Lúcia Correia, levar o menino embora. "No primeiro dia de aula sempre acontece isso", resignou-se a diretora Leila Pacheco.



Fernanda apaixonou-se pela nova escola: "A professora é mais legal e bonita"